

ALFABETIZAÇÃO APÓS O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990¹: A QUESTÃO DO ‘Y’ E DO ‘W’

Celso FERRAREZI JUNIOR

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

Cláudia TELES

Faculdade de Ciências da Administração e de Tecnologia de Rondônia
(FATEC-RO)

Iara Maria TELES

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

Com a introdução das letras y, k e w ao nosso alfabeto, pelo Acordo Ortográfico de 1990, muitos alfabetizadores têm ficado em dúvida sobre a classificação de y e w como vogais ou consoantes. O principal objetivo deste artigo é esclarecer essa questão, partindo de princípios fonéticos, fonológicos e pedagógicos, deixando claro que, na nossa língua, continuamos tendo sete vogais orais [a, e, ε, i, ɔ, o, u].

ABSTRACT

With the introduction of the letters y, k and w to our alphabet, by the Orthographic Settlement of 1990, many literacy tutors have been having doubts about the classification of y and w as vowels or consonants. The main objective of this article is to clarify that question, based on phonetic, phonologic and pedagogical principles, making it clear that, in our language, we still have seven oral vowels [a, e, ε, i, ɔ, o, u].

¹ O Acordo ortográfico de 1990 começou a valer no país a partir de 1º de janeiro de 2009, após a assinatura dos Decretos Presidenciais de números 6.583, 6.584 e 6.585 do ano de 2008.

PALAVRAS-CHAVE

Alfabetização. Acordo ortográfico. Classificação do Y e W.

KEYWORDS

Orthographic Settlement. Classification of Y and W.

Introdução

A associação dos sons com os símbolos escritos que os representam na grafia nunca foi tarefa fácil na alfabetização. A criança, quando chega à escola, hoje por volta dos quatro anos, nas classes que antecedem a alfabetização propriamente dita, já conhece os sons de sua língua materna e, com eles, já se comunica perfeitamente com o mundo. Ela se expressa usando todos os sons da língua com a entonação adequada, de forma que os que a cercam a compreendem e isso, por si só, demonstra que, nessa fase, a criança já não apresenta qualquer problema grave em relação ao uso e à compreensão dos sons de sua língua materna.

Então, por que ela deve ser submetida a um processo de alfabetização? Porque seu processo de comunicação e expressão ainda ocorre basicamente na forma oral, o que não basta para se comunicar de forma satisfatória com seu mundo próximo ou distante em uma sociedade letrada. Nesse ambiente letrado, a escrita e a leitura complementam as possibilidades de comunicação da criança.

Entretanto, o que se tem visto – ultimamente, de forma mais acentuada – é uma grande confusão no processo de ensino da leitura e da escrita. Há um patente desconhecimento dos processos envolvidos nesse ensino e um decorrente emaranhar de conceitos e métodos que enlouquecem as crianças mais do que as orientam. É preciso que os profissionais que trabalham com a formação da criança na área da comunicação e expressão, sobretudo o alfabetizador, que é o responsável pela base da

pirâmide nessa área, tenham conhecimentos sólidos de Fonética, parte da Linguística que trata do estudo dos sons, tão necessários para se distinguir: 1. letra (grafema); 2. som (fone) e 3. fonema.

Nosso principal objetivo, neste artigo, é tentar esclarecer um questionamento que tem sido feito por alguns alfabetizadores sobre a classificação de ‘y’ e ‘w’ como vogais ou consoantes, em virtude de essas letras terem, juntamente com o ‘k’, retornado ao nosso alfabeto após o Acordo Ortográfico de 1990. Achemos interessante reproduzir o questionamento de uma professora alfabetizadora²:

“Dia desses, meu aluno M. de 7 anos perguntou:” ‘Profe’, Y é vogal ou consoante? Porque ele tem som de I né? Então é vogal?” Boa pergunta do M... eu nunca tinha parado para pensar!!! Eu apenas incluí as letras na faixa do alfabeto, mas quando as crianças foram avançando para hipóteses silábico-alfabéticas e a noção de sílaba (formada por duas ou mais letras) foi construída a dúvida que me pareceu muuuuito natural. ... Agora eu tenho outra dúvida: como vou apresentar as vogais para as crianças? A, E, I, O, U, Y e (às vezes) W???”

Passos e Silva (2010, p.10)³, no livro **Língua Portuguesa – 1º Ano do Ensino Fundamental**, apresentam seis vogais em português: **a, e, i, o, u, y**. Se o ‘y’ está sendo considerado como vogal, então, o ‘w’ também não o deverá ser?

Para melhor compreensão da noção de vogal, necessário se faz abordar, antes, alguns conceitos tais como grafema, fone e fonema, cinco ou sete vogais orais e hiatos ou ditongos⁴. Vamos a eles.

² www.google.com.br/fonetica/vogais. Acesso em 11/05/2012.

³ PASSOS, Célia e SILVA, Zeneide, *Língua Portuguesa – 1º ano Ensino fundamental*, 2.ed.. São Paulo: IBEP, 2010.

⁴ FERRAREZI Jr., C.; TELES, I.M. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2006

1 Grafema, fone ou fonema?

A abordagem sobre Fonética que normalmente é feita na educação básica brasileira deixa margem a uma conceituação confusa sobre as noções de grafema, de fone e de fonema. Em função da complexidade do tema, obviamente, não se abordam noções de Fonêmica nos níveis iniciais de ensino e, por isso, fala-se de fonema como se esse fosse um termo genérico. Ao se fazer os clássicos exercícios para distinguir grafemas de fonemas (quantas letras e quantos fonemas há na palavra ‘carro’, por exemplo?), não é feita uma preparação oral que permita ao aluno compreender, realmente, o que está fazendo, além de se considerar variações de alguns sons, às vezes, como se fossem fonemas. O aluno que aprende mecanicamente essas noções fará confusões entre grafema e fonema, o que o levará, certamente, a cometer, entre outros, erros de separação silábica, por exemplo, quando estiver separando dígrafos.

Esclareçamos: a Fonética e a Fonologia são áreas da Linguística, estudo científico da linguagem como meio de comunicação, e ambas têm como objeto de estudo os sons da linguagem. No entanto, enquanto a Fonética, de modo geral, preocupa-se com a produção dos sons (ou seja, a forma como são realizados) e com a estrutura física desse sons, à Fonologia interessa saber se esses sons são distintivos ou não, se exercem uma função na linguagem.

Por exemplo, conhecemos as diferentes maneiras de se pronunciar os dois grafemas ‘r’ da palavra ‘carro’: uns têm uma pronúncia mais anterior (região alveolar), outros uma mais posterior (região velar), ou mais posterior ainda (regiões uvular e faringal), mas sempre o falante do brasileiro saberá que se trata da palavra ‘carro’ e não de ‘caro’. Apesar das diferentes realizações dos dois □ r’ (alveolar [r], velar [x], uvular [χ], glotal [h])⁵, objeto de estudo da Fonética, temos um só fonema

⁵ A escrita fonética dos sons se faz entre [] e a fonológica entre / /; não confundir com a escrita ortográfica que se faz com grafemas. Assim: carro (grafemas), [kaxo] (sons ou fones) e /karo/ (fonemas). Para as transcrições, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

/r/ ou, conforme Cagliari (1997, pp. 14, 37 e 38)⁶, /x/ para o dialeto paulista, objeto de estudo da Fonologia.

Os sons descritos pela **Fonética**, seu objeto de estudo, e que variam de sujeito a sujeito conforme fatores diversos – linguísticos e paralinguísticos – são chamados **fonos**.

Necessário se faz, no entanto, estabelecer um sistema para a língua que seja significativo, distintivo. Aí começa a construção da dimensão fonológica da língua (que vai determinar, pela prova de comutação, o sistema fonêmico da língua, mais econômico que seu sistema fonético), que é objeto de estudo da Fonologia. Pela prova de comutação (alternação de fonos em um mesmo contexto), é verificado se uma alteração no significante (sequência de fonos) resulta ou não em uma alteração no sentido. Assim, por exemplo, se falarmos ‘teto’ [tɛ.to] sabemos que não estamos falando de ‘neto’ [nɛ.to] ou de [fɛ.to]. Nos três significantes temos o mesmo contexto [__ɛto]; como alteramos a palavra com a alternância dos fonos [t], [n] e [f], obtivemos, neste caso, sentidos diferentes; por isso, esses fonos são fonemas /t/, /n/ e /f/. Já no caso de ‘carro’, quer falemos [r], [x], [ʁ] ou [h], sabemos tratar-se de um mesmo objeto, pois houve alterações na forma de pronúncia do som, mas o sentido não foi alterado. Temos para ‘carro’, então, vários fonos que são alofones ou variantes entre si de um só fonema, o /r/. O falante do brasileiro sabe quando se trata de ‘carro’ (por exemplo, com sentido de ‘automóvel’) e quando se trata de ‘caro’ (por exemplo, com sentido de ‘algo de preço elevado’) pela distinção que ele é capaz de fazer entre os fonemas.

Temos, então, que os **fonos** (sons) **que têm valor distintivo** na língua são chamados **fonemas**.

No exemplo dos dois ‘r’, podemos deduzir que o sistema fonêmico da língua é mais econômico que o fonético, pois, para um só fonema /r/, vimos quatro realizações (quatro sons) diferentes. A título de

⁶ CAGLIARI, L. C. (1997). *Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Edição do Autor. Série Linguística Vol.1.

informação, o sistema fonêmico do brasileiro é composto de 28 fonemas (21 consoantes – dentre as quais 2 aproximantes [j] e [w], tradicionalmente conhecidas como semivogais – e 07 vogais)⁷ ou de 33 se forem consideradas 5 vogais nasais.

Vejam os alguns exemplos para diferenciar grafemas de fonemas e de fonemas:

Grafemas (escrita alfabética)	Fones	Fonemas
chácara	[ˈʃa.ka.rɐ]	/ʃakara/
tira	[ˈtʃi.rɐ], [ˈtʃi.rɐ]	/tira/
digo	[ˈdʒi.gu], [ˈdʒi.gu]	/digo/
quilo	[ˈkʲi.lu]	/kilo/
cara	[ˈka.rɐ]	/kara/
Wilson	[ˈwiw.sõ] ^{7a}	/wilsoN/
Wudson	[u.ˈu.dʲi.sõ]	/uudsoN/
Walkyria ou Valquíria	[vaw.ˈkʲi.rjɐ]	/valkirja/
Yara ou Iara	[ˈja.rɐ]	/jara/
Kalyl ou Kalil ou Calil	[kaˈliw]	/kalil/

Vamos observar que ocorrem variações na forma como o som relacionado a cada grafema é pronunciado em diferentes regiões do Brasil, embora nada sobre isso seja dito aos pequeninos no processo de alfabetização. Vejamos as duas variações para as palavras ‘tira’ e ‘digo’: na Paraíba, o ‘t’ e o ‘d’ têm uma pronúncia apicodental [t̪], [d̪] (a constricção é causada pelo contato da ponta da língua contra os

⁷ Cada língua tem um sistema fonêmico próprio. Como exemplos, citamos o francês com 36 fonemas, o espanhol com 24, o espanhol da América com 22, o italiano com 30, o inglês com 44, o holandês e o alemão com 36

^{7a} Adotamos, neste artigo, a transcrição mais simples das vogais nasais, ressaltando que não é a única.

incisivos superiores), enquanto, nas outras regiões, fala-se uma africada [tʃ], [dʒ] (o som sai com chiado). Tomamos, como exemplo, a variação da pronúncia dessas consoantes antes da vogal [i], mas é necessário esclarecer que, na Paraíba, tem-se essa pronúncia apicodental antes de todas as vogais, caracterizando-se como uma variação regional. Outro exemplo de variação regional da pronúncia dessas consoantes é o caso de Cáceres, Mato Grosso, onde se pronuncia uma africada [tʃ], [dʒ] antes de todas as vogais. Assim, por exemplo, em vez de [ˈdadu] ‘dado’, temos [ˈdʒadʒu], em vez de [ˈdɛtʃi] ‘dente’, temos [ˈdʒɛtʃi], em vez de [ˈdedu] ‘dedo’, temos [ˈdʒɛdʒu]. Mas, atenção: nos outros estados, pronuncia-se um som alveolar [t], [d] antes das demais vogais (a constrição é causada pelo contato da lâmina da língua contra a linha dos alvéolos), caracterizando-se como uma distribuição complementar, ou seja, é uma variação contextual e não regional. Assim, antes de [i] temos [tʃ] e [dʒ] e, antes das demais vogais, temos [t] e [d].

Isso observado, nosso interesse mais direto deve ser: como trabalhar com os alunos quando o nível de ensino não permitir entrar nesses detalhes? Para não se incorrer em erros, falando-se em fonema como se esse fosse um termo genérico, como dissemos no início, julgamos ser preferível falar em “sons” em vez de “fonemas” no Ensino Fundamental e “fones” e “fonemas” nos outros níveis de ensino.

2 Cinco ou sete vogais orais?

Se é constatado que temos um sistema vocálico composto de sete vogais em posição tônica – [i, e, ε, a, ɔ, o, u] (p[i]pa, p[e]la, p[ɛ]la, p[a]la, p[ɔ]lo, p[o]-lo, p[u]la) – que se reduz a cinco em posição átona pretônica – [i, e, a, o, u] (pol[i]ticagem, m[e]tralhar, m[a]traca, m[o]lhado, [u]rubu) –, a quatro em posição átona postônica não-final – [i, e, a, u] (polít[i]ca, paralelepí[p]do, parágr[a]fo, íd[u]lo) – e, até mesmo, a três em posição átona final – [ɪ, ʊ, u] (beb[ɪ], cas[ʊ], bol[u]) –, então, por que iniciar a alfabetização dizendo que temos cinco vogais?

Aqui, os professores deveriam falar em sons ao invés de falar em vogais como se elas fossem ‘letras’. É absolutamente indispensável que o professor alfabetizador⁸ entenda que nosso sistema de escrita é *ortográfico* e não *fonético-alfabético*. O que isso significa? Significa que, em um sistema fonético-alfabético, haverá apenas um símbolo (letra/grafema) relacionado a cada som. Em um sistema assim, ‘b’ com ‘e’ dá ‘bé’ e ponto final. Em um sistema ortográfico como o nosso, a coisa é bem diferente: ‘b’ com ‘e’ pode dar ‘bé’ (bela) [ˈbɛ.lɐ], ‘bê’ (bebê) [be.ˈbɛ], ‘bi’ (bebe) [ˈbɛ.bi]. Então, quando eu falo para o aluno que “há cinco vogais na língua”, pensando que meu sistema de escrita é fonético-alfabético, eu o levo a entender que só “há cinco sons de vogais” porque eu só mostro para ele cinco letras (*a, e, i, o, u*) que eu, equivocadamente, chamei de “vogais” e isso está muito errado!

Nosso sistema, diferentemente, é ortográfico. Isso significa que há uma forma correta (ortográfica) de escrever as palavras e que essa forma de escrever não corresponde à pronúncia das palavras na oralidade. Assim, o que eu deveria lhe mostrar é que há cinco *letras*⁹ que podem ser usadas para *os sons de vogais*, pois *uma vogal é um som e não uma letra*. Mas o sistema tradicional de alfabetização, que inclui os chamados *métodos fônicos*, tem confundido isso de forma drástica! Como eu posso ensinar um sistema ortográfico por um método fônico? Não dá! Depois os alunos ficam fazendo “transcrição fonética” na hora de escrever (e saem coisas como *caça, tanbein, caxoro, mãe, naum, muinto*) e os professores que os ensinaram uma “pseudotranscrição fonética” como forma de escrita ficam inconformados.

⁸ Por isso é que sempre defendemos a ideia de que, nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, deveria ser dada mais ênfase, nas grades curriculares, ao ensino da Fonética, pois um só semestre de Linguística e de Língua Portuguesa, como na maioria dos casos, não é suficiente, pelo contrário, pode até gerar mais dúvidas ao alfabetizador pela falta de tempo para esclarecer temas pilares.

⁹ ou 7, depois do Acordo Ortográfico que devolveu “y” e “w” ao alfabeto, ou ainda, mais, dependendo de nossa análise da pronúncia das palavras, já que em “canal” o som do “l” é igual ao som do “u” em “pau”, em muitas regiões do país. Então, nesse caso, o “l” teria que ser ensinado como uma “letra vogal”?

Quando conversamos sobre as vogais com eles, os professores, normalmente, insistem na pretensa característica fonética do sistema e nos respondem: “Ora, temos sete sons representados por cinco letras que recebem o acento agudo para indicar os sons abertos”. E ficam sem resposta quando lhes perguntamos como explicar o fato de termos sons abertos que são representados por letras sem acento agudo, como em ‘pele’ [‘pɛ.li] e ‘polo’ [‘pɔ.lu], por exemplo. Ou seja, fazem uma confusão entre grafemas e sons. Por que não dizer que temos vários sons de vogais representados, na escrita, por menos letras, ou seja, que temos mais sons do que letras em nossa escrita?

De modo geral, com quem temos conversado em nossa caminhada, fica claro que o receio de mudar se deve ao fato de que serão questionados pela família do aluno ou pelo corpo técnico da escola. A nosso ver, isso já deveria merecer um tratamento mais correto da parte dos alfabetizadores.

3 Hiatos ou ditongos?

Por que importa falarmos em *hiatos* (ocorrência de duas vogais próximas na palavra, que se separam na pronúncia, ou seja, ficam em sílabas diferentes (saúde [sa.‘u.de]) ou *ditongos* (ocorrência de uma vogal e uma semivogal que são pronunciadas conjuntamente, na mesma sílaba (pai [‘pai]) aqui? Devido à classificação dos grafemas ‘y’ e ‘w’ como vogais ou consoantes, problema que vem surgindo para os alfabetizadores, como já dissemos no início deste artigo.

É importante observar que, como um mesmo som pode ser representado por vários grafemas (como vimos em 1), com a reinclusão das letras ‘y’ e ‘w’ em nossa grafia, pelo último Acordo Ortográfico, as vogais (fonemas) ‘i’ e ‘u’ passam a poder, ‘oficialmente’¹⁰, ser representadas, pelos grafemas ‘i’ ou ‘y’ e ‘u’ ou ‘w’, dependendo da ortografia da palavra.

¹⁰ Falamos aqui de “oficialmente” porque, na prática, essa representação nunca deixou de existir. Nomes como Kátia, Yvone, Yara, Wellington e Washington sempre foram aceitos como tendo grafias válidas, e as crianças nunca deixaram de os registrar assim por falta de um acordo ortográfico que o autorizasse.

Assim, temos Wilson [ˈwiw.sõ], Wudson [u.ˈu.di.sõ], Walkyria ou Valquíria [vaw.ˈki.rjɐ], Yara ou Iara [ˈja.rɐ] (alguns consideram hiato [i.a.rɐ]), Kalyl ou Kalil ou Calil [ka.ˈliw]. Observe-se que o grafema ‘l’ também é representado pelo som [w], ou seja, soa como “u” (com exceção do Rio Grande do Sul onde é pronunciado como ‘l’ mesmo [ka.ˈlil]). Ainda mais alguns exemplos: em ‘whisky’ [ˈwis.ki], o grafema ‘w’ soa como [u], mas, como se trata de um ditongo, foneticamente, temos a aproximante [w] e, fonologicamente, a semiconsoante /w/. Já está lexicalizada a forma ‘úisque’, mas é a mesma representação fonética com ditongo, apesar de alguns estudiosos considerarem aí a existência de um hiato [u.ˈis.ki]. Em ‘bobby’ [ˈhɔ.bi], temos o grafema ‘y’ que soa como a vogal [i], núcleo silábico. Em ‘byroniano’ [baj.ro.ni.ˈɐ ɐ.no], temos o grafema ‘y’ soando em um ditongo.

Os sons [j] e [w] entram na composição dos ditongos e dos tritongos como semivogais ou semiconsoantes, dependendo da estrutura da língua. No caso do português brasileiro, como semiconsoantes, pois, em uma comutação, alternam com consoantes. Por exemplo, no contexto [ˈara], podemos formar as palavras ‘Mara’ [ˈma.ra], ‘para’ [ˈpa.ra] e ‘Yara’ [ˈja.ra], além de outras mais. Em [ˈja.ra], temos um ditongo, portanto, duas sílabas, se bem que, para alguns, é um tritongo [j.ˈa.ra]. Apesar de serem sons muito parecidos com os das vogais respectivas, se diferenciam por um tempo de emissão mais curto e rápido. Nunca serão vogais, pois o ápice da sílaba é sempre uma vogal, e tão somente uma.

É frequente a dificuldade da maioria dos alunos, até mesmo de adultos, para distinguir ditongos de hiatos, e nem estamos falando aqui de *ditongos crescentes e decrescentes*.

Essa questão simples, mas tornada complicada, sem entrar no mérito sobre ditongos verdadeiros e falsos, será facilmente resolvida se os professores levarem em conta que os sons, antes de qualquer coisa, devem ser pronunciados. Quando se faz uma abordagem oral correta da pronúncia das palavras, ou seja, uma prática oral em sala de aula, o problema desaparece.

É necessário dar mais atenção ao fato de que, quando os alunos pronunciam, percebem a diferença entre hiato e ditongo e, quando sentem a intensidade mais forte ou mais fraca do início do ditongo, facilmente deduzem qual é o crescente ou o decrescente, sem ter necessidade de decorar, sem compreender, a fatigante lista dos ditos ditongos. Aliás, parece que os normativistas são fascinados por listas prontas... Pode-se, até mesmo, associar a representação $Vv\downarrow$ para os ditongos decrescentes e $vV\uparrow$ para os crescentes. Assim, na palavra ‘pai’ temos [‘paj], ou seja, $Vv\downarrow$, e, em ‘quase’, temos [‘kwazi], ou seja, $vV\uparrow$. É claro que, nas séries iniciais, o professor não deverá ter a preocupação de ensinar aos alunos a diferença entre ditongo, tritongo, hiato, ditongo crescente e decrescente, entre outros aspectos da fonologia da língua; afinal, o enfoque nesse período deve estar nas quatro habilidades básicas da comunicação: ler, escrever, ouvir e falar. Mas, quando o tema vier a ser introduzido, em séries mais avançadas, esses aspectos que abordamos aqui não devem passar sem relevo.

Façamos, portanto, um exercício clássico para distinguir letras e fonemas, pois é assim que aparece nos manuais de alfabetização. Iremos um pouco mais adiante, porém, verificando como ele deveria ser respondido com base na moderna visão fonético-fonológica sobre a língua:

Em ‘chaleira’, temos:

- a. oito letras (ou grafemas);
- b. sete sons (ou fones) [ʃa¹.lej.ra];
- c. sete fonemas /ʃalejra/;
- d. três sílabas fonéticas e três sílabas gráficas [ʃa¹.lej.ra] e ‘chaleira’, respectivamente;
- e. três consoantes [ʃ, l, r] e não quatro (há 1 dígrafo “ch”);
- f. uma semiconsoante [j] (aproximante é o termo fonético) e
- g. três vogais, considerando-se a repetição do ‘a’, [a, e, a].

Para o aluno não confundir pensando que a letra ‘i’ é vogal, teríamos que fazê-lo pronunciar e perceber que ‘ei’ é um só som longo, parte de uma sílaba, e não ‘e’ e ‘i’, separadamente, pois aí seria hiato e não ditongo.

Agora, a pergunta focal aqui é: um aluno de 4, 5 ou 6 anos, em fase de alfabetização, precisa saber tudo isso? É evidente que não! Mas seu professor precisa! É muito importante que o professor alfabetizador consiga diferenciar esses fenômenos, separar claramente cada um, compreender a diferença entre um sistema de alfabetização fonético-alfabético e um sistema ortográfico para saber como lidar com cada um deles no processo de ensino e conseguir discernir as dificuldades de seus alunos na aprendizagem.

Concluindo, temos que registrar que, em nossa caminhada pedagógica, observamos que a maioria dos professores de português brasileiro não sabe o porquê do estudo de ditongos e hiatos, não o associam à separação silábica, não dominam os fundamentos do sistema de escrita de nossa língua. Isso se reflete, inelutavelmente, no ensino da escrita e da leitura para os menores.

4 O Acordo Ortográfico (1990) e as letras reintroduzidas.

Pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), as letras ‘k’, ‘w’ e ‘y’ são usadas em antropônimos e antropônimos estrangeiros e seus derivados (*Franklin*, frankliniano, *Darwin*, darwinismo, *Taylor*, taylorista, *Wilson*, *Yara*), topônimos e topônimos estrangeiros e seus derivados (*Kuwait*, Kuwaitiano) e em siglas e símbolos (TWA, kg – quilograma, kW – kilowatt, yd – jarda).

Com a volta dessas três letras ou grafemas ‘k’, ‘w’ e ‘y’ (optamos aqui, por questões fonológicas, não empregar o termo consoante), em nossa ortografia, devemos nos lembrar que, em um sistema ortográfico como o nosso, são apenas mais uma opção para representar sons como

o produzido pelos grafemas ‘qu’ em quilômetro, o som ‘u’ em Wilson e o som ‘i’ em Yara ou Iara, por exemplo.

É exatamente o mesmo que acontece com alguns sons consonantais que são representados por várias letras (grafemas)¹¹. Vejamos os exemplos seguintes:

Letra	Som	Fonema	REPRESENTAÇÃO GRAFEMÁTICA (SÍMBOLOS PARA ESSES SONS COM BASE NA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA)	EXEMPLOS DE COMO FICAM ESCRITAS AS PALAVRAS
c	[s] (CE)	/s/	c (antes de “e”, “i”)	cerca, cimento
			ç (antes de “a”, “o”, “u”)	cabeça, paçoca, açúcar
g (gê)	[g] (GUE)	/g/	g (antes de “a”, “o”, “u”)	galo, gota, gula
			gu (antes de “e”, “i”)	guerra, guitarra
j (jota)	[ʒ] (JE)	/ʒ/	j (antes de todas as vogais)	já, jeca, jiló, jota, jumento
			g (antes de “e”, “i”)	gente, gilete
k	[k] (CA)	/k/	c (antes de “a”, “o”, “u”)	casa, conto, locutor
			c (antes de outro grafema)	cravo, claro
			qu (antes de “e”, “i”)	questão, quilo
r (erre)	[r] (RRE)	/r/	r (inicial de sílaba)	rua, rato, honra
			r (acompanhado de outro grafema)	carro, carne, porta

¹¹ No anexo a este artigo, há um quadro da relação letra, som, fonema, representação grafemática e exemplos de todas as letras do alfabeto para conhecimento dos alfabetizadores, não devendo ser usado com os alunos para não os confundir.

s(esse)	[s] (CE)	/s/	s (inicial de sílaba ou seguido de outro grafema)	sapólio, falso, passo, cômico, consciência
x (xis)	[ʃ] (XE)	/s/	x	xícara, xarope, caixa
	[s] (CE)	/s/	ch	charque, chuveiro
z (zê)	[z] (ZE)	/z/	x em casos especiais	aproximar, próximo
			z	zero, zebra
			s (entre vogais)	casa, rosa
			x (em casos especiais)	exemplo, executar, exército

A professora que teve problema com seu aluno M., de sete anos (relatado no início deste artigo), após consultas feitas em blogs pedagógicos, chegou à seguinte conclusão¹²:

Seguindo os princípios fonético-fonológicos, Y é uma VOGAL, pois é um fonema pronunciado com a passagem livre do ar pela boca. O K é uma CONSOANTE, pois precisa de uma vogal para formar sílabas e ser pronunciada. Já o W é VOGAL ou CONSOANTE, dependendo do uso. Fica assim: com som de V, quando proveniente do alemão (como Wagner), com som de U, quando de origem inglesa (caso de web).

Sobre essa conclusão, é necessário reforçar que ela está errada! Nem ‘Y’ é vogal, nem ‘K’ é consoante, nem ‘W’ é vogal ou consoante. ‘Vogal’ e ‘consoante’ são especificações taxonômicas de ‘sons’ e não de ‘letras’. ‘Y’, ‘K’ e ‘W’ são apenas letras ou, mais tecnicamente, ‘grafemas’, que podem ser utilizados para representar ora sons vocálicos, ora sons consonantais, como ocorre com as demais letras do sistema do português brasileiro de escrita, sendo que isso varia de um sistema de escrita para outro. Veja:

¹² www.google.com.br/fonetica/vogais. Acesso em 11/05/2012.

uma vogal [a] será uma vogal [a] em qualquer sistema linguístico em que ela ocorra no mundo. A letra ‘a’ pode ter valores diferentes em sistemas de escrita diferentes. Conhecer claramente essa diferença é essencial para quem alfabetiza.

É óbvio que há grafemas da escrita do português brasileiro que se especializaram em sons vocálicos (como o ‘a’), e outros que se especializaram em sons consonantais (como o ‘r’), mas também há outros que ora são vocálicos (ou semivocálicos, ou semiconsonantais, conforme a estrutura da língua) ora consonantais (como o ‘l’, que pode ter som de [w] – como em “final” - e o “m” que pode ter som do [w] dos ditongos nasais - como em “correram”, por exemplo).

Assim, o que o alfabetizador deve mesmo reforçar com seus alunos é o fato de que, em um sistema de escrita como o nosso, uma mesma letra pode servir a muitas finalidades. Por isso, devemos aprender como as palavras são escritas, já sabendo que serão pronunciadas de formas diferentes, em diferentes partes de nosso imenso país, utilizando-se economicamente uns poucos símbolos para a grande quantidade de sons que a língua possui. E isso muito mais com a preocupação de que o aluno aprenda a ler e escrever com qualidade, do que com a “decoreba” de classificações e nomes que não lhe dizem nada.

Conclusão

Por tudo que expusemos neste artigo - e como dissemos no início - é preciso que os profissionais que trabalham com a formação da criança na área da comunicação e expressão, sobretudo o alfabetizador, revejam seus conceitos de grafema, som ou fone, fonemas, vogais e consoantes, encontros e separações vocálicas, entre outros.

Queremos enfatizar que é preciso separar os diferentes níveis de análise: **grafemática, fonética e fonológica**, pois, assim procedendo, o alfabetizador não terá mais problemas em relação à classificação de

‘y’ e ‘w’. Temos visto que alguns estudiosos e autores de livros estão misturando esses níveis de análise.

Antes de se adotar um manual de alfabetização, seria interessante que a coordenação pedagógica das escolas, juntamente com os professores da área de Comunicação e Expressão, fizessem uma boa análise do capítulo em que são utilizados conceitos de Fonética, pois tudo o que se ensina no início da alfabetização exercerá influência sobre todo o processo da aprendizagem.

Assim, fica claro que, na nossa língua, continuamos tendo sete vogais orais [**a**, **e**, **ɛ**, **i**, **ɔ**, **o**, **u**], que elas podem ser nasalizadas (com ou sem o uso de diacrítico próprio (~) na escrita) e que também ocorrem semiconsoantes¹³ ([**j**] e [**w**]) quando, na escrita, aparecerem duas letras na mesma sílaba, o que resulta, na fala, em ditongos que são formados de uma vogal (ápice silábico) e uma semiconsoante, devido à estrutura do português, ou em tritongos, como já explicamos no item três deste artigo.

Para toda essa diversidade, a escrita conta hoje com poucas letras e outros símbolos (diacríticos). Veja o que usamos:

a. *a, e, i, o, u, y* e *w* para representar as vogais e as semiconsoantes, conforme o caso;

b. os diacríticos (^, ´, ~) para indicar certas modificações nos sons dessas vogais e semiconsoantes, mas apenas em alguns casos previstos na ortografia, já que o uso de diacríticos é próprio da ortografia e

c. letras como “m” e “n” para indicar nasalizações em alguns casos previstos na ortografia, como em ‘antes’ [ˈɐ̃.tes] e ‘ambas’ [ˈɐ̃.bas].

Ou seja: como se trata de um sistema ortográfico, cumpre saber, caso a caso, como a palavra será representada, sem qualquer garantia de pronúncia idêntica por parte dos falantes.

¹³ Por força do hábito, continua-se falando em encontros vocálicos e semivogais.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Global Editora. 2009.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Edição do Autor. Série Linguística Vol.1. 1997.

FERRAREZI JR., Celso. **Discutindo Linguagem com Professores de Português**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

FERRAREZI JR., Celso. **Ensinar o Brasileiro: Respostas a 50 perguntas de professores de língua materna**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERRAREZI JR., Celso e TELES, Iara Maria. **Gramática do Brasileiro**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

PASSOS, Célia e SILVA, Zeneide, **Língua Portuguesa – 1º ano Ensino fundamental**, 2.ed.. São Paulo: IBEP, 2010.

Anexo

Relação letra, som, fonema, representação grafemática e exemplos

LETRAS (grafe- mas)	SOM (fone)	FONEMA	REPRESENTAÇÃO GRAFEMÁTICA (SÍMBOLOS PARA ESSES SONS COM BASE NA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA)	EXEMPLOS DE COMO FICAM ESCRITAS AS PALAVRAS
a	[a]	/a/	a	abóbora
b	[b]	/b/	b	bonita
c	[s]	/s/	c (antes de “e”, “i”)	cerca, cimento
			ç (antes de “a”, “o”, “u”)	cabeça, paçoca, açúcar
d	[d] ou	/d/	d (antes de “a”, “e”, “o”, “u”)	dado, dedo, Duda
	[d̪]		d (falar paraibano antes de todas as vogais)	
	[dʲ]		d (antes de “i” e falar de Cáceres MT antes de todas as vogais)	dia
e	[e]	/e/	e	elefante
	[ɛ]	/ɛ/	e, é	pele, Pelé,
f	[f]	/f/	f	faca

g	[g] ou	/g/	g (antes de “a”, “o”, “u”)	galo, gota, gula
	[ʒ]		gu (antes de “e”, “i”)	guerra, guitarra
h	---	--	h	homem
i	[i]	/i/	i	igreja
j	[ʒ]	/ʒ/	j (antes de todas as vogais)	já, jeca, jiló, jota, jumento
			g (antes de “e”, “i”)	gente, gilete
k	[k]	/k/	c (antes de “a”, “o”, “u”)	casa, conto, locutor
			c (antes de outro grafema)	cravo, claro
l (lh)	[l]	/l/	l (início de sílaba)	lado, calado
	[u] ou [l]		Em final de sílaba, gaúchos pronunciam “l”	mel, Sílvia
	[λ]		/λ/	lh
m	[m]	/m/	m	camada
n (nh)	[n]	/n/	n	nadar
	[ɲ]	/ɲ/	nh	montanha, manha
	[ŋ]		ng	canga, manga
o	[o]	/o/	o	maroto, roto
	[ɔ]	/ɔ/	o, ó	polo, paletó
p	[p]	/p/	p	paletó
q	[k] ou	/k/	qu (antes de “a”, “o”)	quadrado, quociente,
	[ç]		qu (antes de “e”, “i”)	questão, quilo,

r	[r] ou [x] ou [ʁ] ou [h]	/r/	r (inicial de sílaba)	rua, rato, honra
			r (acompanhado de outro grafema)	carro, carne, porta
	[r]	/r/	r (entre vogais)	cara, arapuca
s	[s]	/s/	s (inicial de sílaba ou seguido de outro grafema)	sapólio, falso, passo, cômico, consciência
t	[t] ou	/t/	t (antes de “a”, “e”, “o”, “u”)	tatu, totó, teu
	[t̪]		t (falar paraibano antes de todas s vogais)	
	[tʰ]		t (antes de “i” e falar de Cáceres MT antes de todas s vogais)	tia
u	[u]	/u/	u	uva
v	[v]	/v/	v	Valter, Vilson, cavalo
w	[u]	/w/	w (em ditongos, tritongos, nomes estrangeiros e nomes próprios)	<i>Kuwait</i> , Kuwaitiano, Wilson,
	[v]	/v/	w (palavras estrangeiras e nomes próprios)	Walter, Darwin, darwiniano

x	[ʃ]	/ʃ/	x	xícara, xarope, caixa
			ch	charque, chuveiro
	[s]	/s/	x em casos especiais	aproximar, próximo
y	[i]	/i/	y (em núcleo silábico)	Walkyria, Kalyl , hoby
		/j/	y (em ditongos, tritongos, nomes estrangeiros e nomes próprios)	Yara, yawalapiti, <i>byroniano</i>
z	[z]	/z/	z	zebra, zarpar, Izabel
			s (entre vogais)	casa, Isabel
			x (em casos especiais)	exemplo, executar
26	37 considerando as variações mais comuns	28		